

humanitas

Vol. XXXI-XXXII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXXI-XXXII



COIMBRA

MCMLXXIX-MCMLXXX

A POSIÇÃO SOCIAL DA MULHER NA COMÉDIA DE ARISTÓFANES

A época tempestuosa para Atenas, que acompanhou a vida e produção literária de Aristófanes, foi fértil em conflitos e alterações profundas relativamente a normas de vida com raízes perdidas no tempo. Dentro deste contexto podemos inserir a situação política e social da mulher, a que a tradição destinava um papel secundário na orgânica da comunidade, e que começa agora a sofrer um movimento para uma emancipação e libertação progressivas (1). Temos consciência das múltiplas dificuldades que a questão põe ao estudioso actual e até das posições divergentes que vêm sendo defendidas (2), como resultado de uma utilização de diferentes fontes. A nossa intenção visa apenas utilizar a comédia como um testemunho, embora sem esquecer a prudência necessária a quem se debruça sobre um texto que, informativo por um lado, foi criado com uma nítida intenção caricatural. Uma primeira abordagem dos textos de comédia deixa latente a impressão de que, sobre um pano de fundo ainda dominado por regras de vida tradicionalistas, se começam a pressentir alterações, tão frágeis e timoratas que são capazes de servir como um bom motivo de cómico. E Aristófanes, o observador sempre atento às realidades do mundo que o cerca, capta a problemática feminista a que a sua época assistia e toma-a

(1) Ao propor-me fazer uma reflexão sobre este problema social com base em informações colhidas nos textos de Aristófanes, restringi-me à situação da mulher da alta e média sociedade — que julgo ser o alvo deste autor — já que é em relação a ela que se verificam alterações mais sensíveis. Naturalmente que a sociedade era bastante menos rigorista no que diz respeito a escravas, estrangeiras ou cortesãs, que gozavam de uma liberdade de vida e de convívio a que as mulheres dos cidadãos não tinham acesso na sua maioria. Quanto à mulher livre e cidadã da classe economicamente mais baixa faremos uma referência de passagem.

(2) Para um conhecimento sucinto das posições mais defendidas, *vide* S. POMEROY, *Donne in Atene e Roma*, Torino, 1978, pp. 60-63 (trad. italiana).

como tema de três das suas comédias: *Lisístrata*, *As mulheres que celebram as Tesmofórias* e *A assembleia das mulheres*.

Decerto que o reconhecimento da mulher como um elemento social capaz de tomar parte activa na organização e gerência da *πόλις* sofreu uma marcha lenta e difícil, porque tinha atrás de si toda uma tradição desfavorável. Daí que o quadro que a comédia aristofânica nos apresenta do quotidiano da mulher ateniense do séc. V segue ainda em grande parte os modelos do passado (1).

A actividade feminina restringia-se nesta época praticamente ao campo doméstico, pois que à mulher não assistiam direitos políticos nem jurídicos, e a sua participação no quotidiano citadino era muito limitada. Em pleno regime democrático, o órgão central do poder político, a *ἐκκλησία*, não registava a presença do sector feminino da população. Em *A assembleia das mulheres* vemos as atenienses disfarçarem-se de homens para assim poderem exprimir-se na Assembleia. Só em festivais de feição religiosa as mulheres tomavam parte activa, sendo chamadas a essa missão desde a infância.

Desde os sete anos que sou arréfora.

Aos dez, fazia eu bolos sagrados para a nossa padroeira.

Mais tarde, na minha túnica açafraão, fui ursa nos Braurónios.

*E enfim, depois que me tornei numa bela mocetona, fui canéfora,
com o meu colar de figos secos.*

(Lys. 641-647)

Esta fala, que é atribuída ao Coro da peça, auxilia-nos na catalogação deste grupo de mulheres dentro de um determinado estrato social, que é precisamente o mais elevado; era nele que geralmente se

(1) Merece, a este propósito, menção a superioridade intelectual da mulher de Lesbos, simbolizada na produção poética de Safo e das suas companheiras, que conquistou um lugar definitivo dentro da literatura helénica. Também a Beócia se pôde orgulhar do nome de Corina, a rival temível de Píndaro; e mesmo Esparta proporcionou às jovens o acesso a escolas de música, em igualdade com os rapazes.

Para um estudo da posição social da mulher grega vide, e.g.: R. FLACELIÈRE, *La vie quotidienne en Grèce* (na tradução portuguesa, Lisboa, s.a.), cap. III; W. K. LACEY, *The family in Classical Greece*, London, 1968; U. E. PAOLI, *Die Frau im altan Hellas*, Bern, 1955; M. POHLENZ, *Der hellenische Mensch* (na tradução italiana, Firenze, 1967), cap. XIV; S. POMEROY, *Donne in Atene e Roma*, Torino, 1978 (tradução italiana); 'Women in Antiquity', *Arethusa* VI.1, 1973; 'Women in the ancient world', *Arethusa* XI.1-2, 1978.

buscavam os elementos femininos para se encarregarem das principais missões na execução do rito. Havia-os até que se tornavam património hereditário de determinadas famílias aristocráticas. Os festejos religiosos eram pois pretexto de convívio social para as atenienses, uma das poucas ocasiões que se lhes ofereciam de serem vistas em público e simultaneamente de tomarem um breve contacto com os seus concidadãos. Festivais havia que lhes competiam exclusivamente, como as Tesmofórias e as Esciras, cenários escolhidos por Aristófanes para exhibir a astúcia feminina, livre da vigilância dos homens; com a licenciosidade habitual na Comédia Antiga, o carácter misterioso destes rituais cobre a maquinação de duas importantes conspirações, contra Eurípides no caso de *As mulheres que celebram as Tesmofórias*, contra os homens que se têm mostrado maus administradores da cidade em *A assembleia das mulheres*. Nem só nos grandes festivais religiosos se podia registar a presença feminina. Em cerimónias menores, como por exemplo as Dionísias rurais (cf. *Ach.* 242 sqq.), ou mesmo de carácter privado, como em casamentos e rituais fúnebres, a mulher tinha também participação activa.

De um modo geral o dia a dia da mulher ateniense desenrolava-se no interior de sua casa. Jovem ainda, as horas decorriam para ela num contacto estreito com a mãe e com as escravas da casa, abrigada nos apartamentos destinados às mulheres, limitada até no convívio com os elementos masculinos da família (cf. *Lys.* 473-475, *Th.* 414 sqq.), diante dos quais lhe ficava bem manter o silêncio. A educação que lhe era ministrada reduzia-se à prática de trabalhos domésticos e a uma formação moral, baseada sobretudo na ignorância das realidades da existência. Assim a jovem se preparava para a sua condição futura de esposa dócil, de quem o marido esperava uma administração equilibrada do património e a destreza de uma perfeita dona de casa. As suas ânsias culturais, salvo muito raras excepções, eram completamente esquecidas. A maior parte das mulheres cultas encontrava-se entre as que não pertenciam ao número das cidadãs. O exemplo mais famoso é o de Aspásia de Mileto, a companheira de Péricles, conhecida pela sua inteligência e perspicácia política (1). Os poucos conhecimentos que a mulher

(1) Pelo lugar destacado que ocupou dentro da sua época como amante de Péricles e pela influência que tinha sobre ele, apesar do seu passado de estrangeira e cortesã, Aspásia, a Hera do Olímpico Péricles, tornou-se um alvo predilecto dos autores de comédia, de que Aristófanes não foi excepção. A seu respeito forja o poeta

adquiriria, para além das fronteiras do seu pequeno mundo, adivinham-lhe da convivência com o pai e com os homens da casa.

*No que me diz respeito sempre tenho dois palmos de testa.
À força de ouvir as conversas do meu pai e dos mais velhos
acabei por meter qualquer coisa na cabeça.*

(Lys. 1125-1127)

Atingida a idade de casar, no próprio desabrochar da adolescência (cf. *Th.* 410 sq.), a jovem passava da tutela do pai para a de um marido, ao qual não a ligava qualquer sentimento profundo, já que lhe não era concedida participação alguma no contrato matrimonial que se estabelecia entre o chefe da sua família e o pretendente. Perante esse marido, de quem a separava uma nítida diferença de idades e a ausência de uma preparação cultural básica, a mulher sentia-se, na generalidade dos casos, incapaz de desempenhar o papel da companheira com quem se partilham as vivências diárias. Não quer dizer que não possamos recolher testemunhos que venham contrariar estes pontos de vista. Lembremos a preocupação carinhosa de um marido, tal como Xenofonte nos retrata no *Económico*, em industriar pacientemente a jovem esposa nos segredos da vida doméstica. Ou mais significativas talvez as perguntas — diz-nos um orador — com que esposa e filhas crivaram o pai de família, jurado no caso de Neera, sobre o desfecho do conhecido escândalo. Exemplos como estes abonam em favor de uma certa convivência e participação de interesses entre os familiares de ambos os sexos. Não me parece, no entanto, que retratem a norma de vida mais geralmente aceite. A propósito lembremos algumas palavras de Medeia sobre a generalidade das relações entre um casal (Eur. *Med.* 238 sqq.): ‘Entrada numa raça e em leis novas, sem ter aprendido em casa, tem de ser adivinha, de como deve tratar com o companheiro de leito. E quando o conseguimos com os nossos esforços, invejável é a vida com um esposo que não leva o jugo à força; de outro modo antes a morte. O homem, quando o enfadam os de casa, saindo, liberta o coração do desgosto; para nós força é que contemplemos

uma história inverosímil, para a responsabilizar pelo prolongamento da guerra do Peloponeso. Lesada pelo rapto de duas das suas cortesãs, Aspásia teria levado Péricles, em represália, a fazer aprovar o decreto de Mégara, cuja anulação os Espartanos exigiam para porem fim às hostilidades (cf. *Ach.* 526 sqq.).

uma só pessoa' (1). Em contrapartida, o homem, constantemente solicitado pela vida política e social, alheava-se por completo dos problemas domésticos, que confiava à esposa.

Dentro de sua casa, a mulher é senhora absoluta. Só por isso Lisístrata tem autoridade para fazer a seguinte pergunta: 'em casa não somos nós que assumimos por completo a administração do vosso património?' (*Lys.* 495). À mulher compete a direcção da economia doméstica e a superintendência sobre os escravos da casa (cf. *Th.* 418 sqq.). Dela se espera que assegure a confecção de algumas roupas (*Ecc.* 89-92, *Lys.* 535-538), que se mostre hábil nas tarefas culinárias (*Ecc.* 221), vigilante no trabalho dos servos, parca nos gastos. Detém as chaves da dispensa, como símbolo da sua autoridade, que o marido pode retirar-lhe, se a considera incompetente no exercício das suas funções (*Th.* 418-423). Pelo contrário, a esposa que executa com eficácia o seu papel de dona de casa, acaba por se tornar necessária para o marido, que dela espera o conforto de um lar ordenado.

*Já não tenho encanto nesta vida
desde que a minha mulher saiu de casa.
Até me custa lá entrar, parece-me um deserto;
mesmo a comida que como não tem sabor.*

(*Lys.* 865-869)

Não podemos esquecer no entanto que a missão mais importante que competia à mulher grega era a de mãe de família. Numa sociedade em que o homem vivia constantemente solicitado pelo mundo exterior, onde as relações entre um casal eram muito limitadas, a única razão justificativa do casamento era o dever de perpetuar a raça, que todo o ateniense sentia na sua qualidade de homem e de membro da *πόλις*. Dada a raridade com que colhemos a informação da existência de um sentimento profundo entre marido e mulher na Atenas da época, a interpretação geral nos nossos dias tende a ver no casamento um mecanismo para assegurar a transmissão do património e a continuidade do *γένος*. A este respeito DOVER (2) observa com propriedade

(1) Tradução de M. H. ROCHA PEREIRA, col. «O grande teatro do mundo», Coimbra, 1968.

(2) K. J. DOVER, *Greek popular morality in the time of Plato and Aristotle*, California, 1974, p. 211.

que 'toda a temática de *Lisístrata* dificilmente poderia ter tomado forma a não ser numa sociedade em que a relação conjugal assentasse sobretudo na sexualidade'. Sobre a mulher pesava, com a força de uma ameaça, a obrigação de dar ao marido descendência, e sobretudo um filho varão, que herdasse o dever de perpetuar a raça e o património e manter vivo o culto dos antepassados. Este o motivo de tantas alusões na comédia a compra de crianças, no caso de mulheres estéreis (e.g., *Th.* 339-340, 407-408), e a troca de raparigas por rapazes (*Th.* 564-565). Recordemos, a este propósito, como particularmente pitoresco, o episódio narrado em *Th.* 502 sqq.: perante nós, condimentada com toda a malícia de que é capaz o espírito feminino, a farsa montada por uma mulher estéril, de convivência com uma velha alcoviteira, que, depois de 'um longo e doloroso parto de dez dias', finalmente apresenta ao marido atormentado uma criança comprada, '... o teu retrato chapado!'.¹

No ambiente restricto da sua casa, a mulher vive como que atrofiada, trazendo estampada na palidez do rosto uma notável carência de ar puro (*Ecc.* 63-64, 387). A própria lida doméstica a impede de sair.

*É difícil para as mulheres saírem de casa.
Ora é uma que fica ocupada a tratar do marido,
outra que tem de acordar um escravo, outra que tem de adormecer o bebé,
outra que tem de lhe dar banho, outra de lhe dar a papa.*

(*Lys.* 16-21)

Mas também a sociedade exige da mulher do cidadão, que deseje preservar a sua dignidade, o recato de não se expor a olhares estranhos. Poucos são os motivos que podem justificar a sua saída de casa, e mesmo então a vemos acompanhada de uma criada e com o rosto discretamente velado (*Lys.* 530-531, *Th.* 279 sqq.). É-lhe permitido visitar uma amiga (*Ecc.* 548 sq.), pernoitar fora se a festa a que foi assistir se alongou (*Th.* 795) ou no caso de festivais que se prolongavam por vários dias (cf. *Th.* 624, 658), é seu dever prestar auxílio a uma amiga em trabalho de parto (*Ecc.* 528-529).

Podemos interrogar-nos sobre o modo como a ateniense suportaria esta reclusão e o constante abandono do marido. O hábito devia

ser um factor importante na sua resignação. De resto, não temos notícia de que houvesse conhecimento público de muitos escândalos conjugais em Atenas, apesar de o adultério ser uma das acusações que a comédia dirige contra as mulheres (cf., e.g., *Th.* 476 sqq.). Vem a propósito a referência de uma observação de EHRENBURG (1) relativamente à escassez do adultério na sociedade grega deduzida do modo como o tema é tratado na comédia: 'Considerando que toda a espécie de escândalo sexual era tema favorito da comédia, a parcimónia e natureza genérica de tais alusões mostram que a vida conjugal era normalmente estável e serena'.

O modelo de vida que acabamos de delinear era aquele que a tradição prescrevia para as cidadãs das classes mais abastadas. Claro que teria de ser diferente a situação da mulher plebeia, de posses diminutas, que se via na contingência de assegurar com o seu trabalho o sustento próprio e o dos filhos. Essa vive fora de casa, ocupada no trabalho dos campos ou proprietária de um pequeno negócio, uma banca no mercado por exemplo; tal é o caso da Segunda Mulher em *As mulheres que celebram as Tesmofórias*, uma viúva mãe de cinco filhos, que se apresenta como vendedeira de flores (*Th.* 446 sqq.). Em contrapartida, esta classe de cidadãs gozava de uma notável liberdade, que lhe permitia tagarelar livremente com as suas iguais, solicitar à vizinha qualquer apetrecho de que carecia na lida da casa, escolher as amigas e até estabelecer contactos com o sector masculino da sociedade. Quando se trata de contrair casamento, a plebeia dispõe de certa liberdade na escolha de um marido entre os homens das suas relações. Lembremos a jovem de *A assembleia das mulheres* que espera, impaciente, a chegada do amado na ausência da mãe (vv. 911-914).

Cabe neste momento um parêntesis para mencionar os hábitos opostos da espartana, à qual os regulamentos da cidade impunham uma educação e um sistema de vida orientados para o exterior. De comum com a ateniense, a mulher de Esparta tinha a missão de dar à cidade filhos válidos. Porém a sua preparação para esse fim não se confinava às dimensões estreitas de uma casa, ou à protecção delicada e discreta de um véu e de uma túnica. Pelo contrário, estava-lhe aberta a prática de exercícios físicos, onde exhibia, em trajos redu-

(1) V. EHRENBURG, *The people of Aristophanes*, Oxford, 1951, p. 196.

zidos, a pujança do corpo. Não é sem admiração que a ateniense Lisístrata aprecia a forma física, a esbelteza da sua aliada espartana:

*Minha querida Lacónia! Viva, Lampito!
Mas que elegância, minha querida! Notável!
Que belo físico! Como o teu corpo é forte!
Eras capaz de estrangular até um touro!*

(Lys. 78-81)

A estes traços realistas o poeta adiciona elementos satíricos, tão antigos quanto Hesíodo, com que a mulher veio sendo tradicionalmente alvejada. 'Levianas, doidas por homens, bêbadas, traidoras, tagarelas, uns zeros, a desgraça completa dos maridos' (*Th.* 392-394) é o sumário de algumas das acusações mais frequentes que a comédia volta a explorar, recorrendo desta vez a um processo de cómico directo e popular, bem conhecido do grande público e por isso mesmo de êxito seguro. Estes são dados que não podemos naturalmente utilizar como elucidativos sobre a condição de vida e hábitos da mulher, já que fazem parte de um espólio literário, por isso mesmo atemporal e burlesco. Cabe ao coro das Tesmofórias traduzir a perspectiva hesiódica da mulher, como a própria maldição a pesar sobre a humanidade, a exclusiva responsável de todos os males que afligem o mundo (*Th.* 785 sqq.). A abordagem deste tema abre caminho, por sua vez, à polémica aparatosa que surge do confronto entre os dois sexos, entre as suas virtudes e os seus defeitos.

Tentámos até agora seleccionar algumas das afirmações mais sugestivas do teatro aristofânico, que documentam o condicionalismo tradicionalista que pesava ainda sobre a mulher ateniense na segunda metade do séc. V a.C. No entanto havia chegado a hora das primeiras alterações no quadro que acabámos de desenhar.

A guerra foi um factor de importância primordial no reconhecimento do papel da mulher como participante na vida em sociedade. Forçados a afastarem-se de casa e dos problemas quotidianos para tomarem parte no combate, os homens delegavam na mulher responsabilidades que dantes competiam ao chefe da família. Por outro lado, as baixas verificadas durante a guerra viriam a dar ao sexo feminino uma superioridade numérica. A liberdade da mulher aumenta em simultâneo com um acréscimo de obrigações. Já não se estranha, por exemplo, que ela saia de casa para executar pequenos trabalhos

e se veja envolvida no tumulto das ruas da cidade. O coro de mulheres de *Lisístrata*, esposas de cidadãos, que se dizem habituadas ao luxo e ao conforto (cf. v. 640), justifica o seu atraso em acorrer em auxílio das companheiras revoltosas com as seguintes palavras:

*Agora mesmo, depois de ter ido encher o cântaro
à fonte, logo de manhãzinha, foi a custo, por causa
da multidão, da barafunda, de panelas que se chocavam,
empurrada por escravas marcadas a ferro,
que lá agarrei na bilha à pressa e vim, de água em punho,
em socorro das minhas companheiras, em risco de serem
queimadas.*

(*Lys.* 328-334)

Os próprios maridos contribuem para uma certa licenciosidade, facultando o recolhimento de suas casas ao acesso de estranhos, mesmo na sua ausência. A este respeito são particularmente saborosas as considerações tecidas pelo Comissário (*Lys.* 403 sqq.) a quem se lhe queixava da insolência actual das mulheres.

*Mas por Posídon, senhor do mar, é muito bem feito!
Pois que somos nós próprios a colaborarmos na pouca vergonha
com as nossas mulheres, a ensinarmos-lhes a má vida,
têm de ser essas mesmo as disposições que vão germinando nelas.
Entramos numa loja e saímos-nos com esta:
'Ourives, sabes, aquele colar que tu arranjaste?
Andava a minha mulher a dançar, uma noite destas,
e descravou-se-lhe uma conta.
Eu tenho de embarcar agora mesmo para Salamina.
Se tiveres tempo, vê se lá dás uma saltada à noite
e lhe cravas a conta.'*
Outro vira-se para o sapateiro
um mocetão, com um membro que já não é de um menino, e diz-lhe:
'Sapateiro, o dedinho do pé da minha mulher
fica muito apertado naquela tira,
tão frágil que ele é. Passa por lá ao meio-dia
e alarga-lha um bocado, para ficar mais à vontade.'
E aí tens o resultado.

Por outro lado, o inimigo que devastava os campos da Ática forçou os camponeses a procurarem refúgio dentro das muralhas da cidade e a partilharem, mau grado seu (cf., *e.g.*, o saudosismo com que Diceópolis, em *Os Acarnenses*, recorda o seu campo distante), da vida urbana. A somar à nostalgia da sua terra, o rústico lembra com saudade tempos prósperos de outrora, a que se substituíram a penúria e dureza da guerra. Este exílio forçado proporcionou decerto alianças desiguais, cujo resultado Aristófanes caricatura no exemplo típico de Estrepsíades (cf. *Nu.*), o lavrador rude, bronco, a cheirar a vinho e a azeite, que se casa com uma dama de sociedade, com larga genealogia, de gostos lascivos e requintados. Em situações idênticas, a mulher vai fatalmente exercer um ascendente pesado sobre o marido, com os seus hábitos, com as suas despesas e sobretudo com a educação que proporciona aos filhos. Um pequeno quadro como este, de que são protagonistas o saloio Estrepsíades e a sua elegante consorte, a última representante de uma antiga ascendência de Mégacles, deixa entrever um fenómeno de que a guerra é mais uma vez a responsável: a aproximação de classes tradicionalmente distantes com todos os atritos que surgem da adaptação a esta nova ordem de factos. Sob o ponto de vista feminista, é óbvio que a superioridade social que cabe à mulher relativamente ao marido neste tipo de alianças é, à partida, um trunfo de que ela dispõe para impor ao homem uma certa autoridade e lutar contra a ancestral segregação do seu sexo.

Aos poucos a mulher começa a transpor os limites do ambiente familiar, a tomar conhecimento da vida exterior, então tão fértil em acontecimentos. Por efeito da mesma crise, a ateniense vê-se indirectamente envolvida na defesa da πόλις. É ela, de facto, a grande vítima da guerra que se arrasta interminável. São doridas as palavras de Lisístrata (vv. 589 sqq.) que recorda o sofrimento daquelas que vêm partir para a luta os filhos e os maridos, ou das jovens que sentem murchar os verdes anos sem uma oportunidade de darem à sua vida o rumo a que toda a mulher aspirava, o casamento. Esta situação real inspira no poeta, também ele sofrido com os males que afligem a cidade, um projecto utópico: a entrega da gerência de Atenas em mãos femininas. Um tal tema, pela sua riqueza em recursos cómicos, além da actualidade que tinha na época, pareceu por certo o melhor veículo para transmitir ao anfiteatro o conselho sensato, a palavra animosa que competia ao poeta como educador do povo. É em duas situações políticas diferentes, mas ambas especialmente delicadas, que Aristófanes

apresenta a proposta feminista. Quando, em 411 a.C., apresenta *Lisístrata*, o comediógrafo defrontava-se com um público desmoralizado pelo ainda recente desastre da Sicília, presságio sombrio para o desfecho de uma guerra já demasiado prolongada. De modo ousado, Aristófanes aponta para a única solução que parecia ainda viável: um tratado de paz imediato, hipótese que aliás não gozava de grande simpatia entre os políticos atenienses. Em 392 a.C., data da apresentação de *A assembleia das mulheres*, o tão temido desfecho das hostilidades concretizara-se e Atenas estava, com mais razão ainda, moralmente abatida. Era preciso encontrar uma saída, novos caminhos, só possíveis com uma viragem total nos sistemas administrativos. É a mulher a intermediária escolhida para advogar as posições defendidas pelo poeta. Através de Lisístrata o poeta justifica a sua escolha: no início da guerra, a mulher acatava em silêncio as disposições do marido; e se timidamente arriscava uma pergunta, a resposta era de molde a não deixar margem para réplica: 'A guerra é assunto para os homens' (vv. 507 sqq.). Depois veio a derrota, o desengano, a desorientação, que levaram o próprio homem a duvidar da sua capacidade e bom senso, e autorizaram a prudência feminina a chamar a si o comando dos acontecimentos: 'A guerra vai ser assunto para as mulheres' (*Lys.* 538). O primeiro passo para o êxito desta nova gestão da cidade é o plano hábil forjado pelas esposas atenienses, em aliança com todas as esposas gregas, de forçarem os maridos a negociarem, sem perda de tempo, a paz. Consumada esta, há que elaborar um novo sistema administrativo capaz de trazer Atenas à prosperidade do passado. À utopia feminista adiciona Aristófanes a paródia de teorias recentes, não menos fantasiosas, propondo como ideal para a recuperação económica dos Atenienses um sistema comunista de bens e mulheres. Esta mesma proposta viria a ser apresentada por Platão para a sua cidade ideal, dum modo que deixa entender irrefutável semelhança com *A Assembleia das mulheres*. Tendo em conta que *A República*, cuja datação é motivo de larga controvérsia, não fora ainda seguramente publicada na data da apresentação desta comédia, resta-nos pressupor que a actualidade de tais discussões ultrapassava já os limites das escolas filosóficas (1). É óbvio que Aristófanes não está interes-

(1) Para a relação das teorias comunistas defendidas por Praxágora com *A República* de Platão, vide M. H. DA ROCHA PEREIRA, na Introd. a *Platão, República*, Lisboa, 1976², pp. XVI-XVIII.

sado sequer em convidar à reflexão desse sistema comunista, se tivermos em conta o modo grotesco como no-lo apresenta. Parece antes que o poeta, na sua abordagem caricatural do problema, interpreta o pensamento do homem comum, para quem estas teorias não passam de entretenimentos filosóficos, para si absurdos e incompreensíveis.

Para além da autoridade que lhes dá o sofrimento, somada à manifesta incapacidade administrativa dos homens, as mulheres têm também credenciais de boas gestoras para se proporem a tomar nas mãos as rédeas da cidade. Basta que pratiquem, relativamente à política ateniense, a mesma orientação que as tem regido nas lidas domésticas, onde o cumprimento rigoroso das regras do passado tem sido a base do êxito e da eficácia. Aristófanes faz-se porta-voz de um sentimento que se tornara generalizado nos seus dias: o saudosismo pelo passado esplendoroso do tempo de Péricles. Porque não aproveitar as lições da época áurea, em vez de buscar reformulações mais e mais ineficazes?

*Que os hábitos delas valem mais do que os nossos
é o que vou demonstrar. Para começar, mergulham
a lã em água quente, à moda antiga,
todas elas, e não se vê que pretendam mudar.
Ora a cidade dos Atenienses,
mesmo que estivesse a tirar proveito de qualquer coisa, não
se julgaria a salvo,
se não engendrasse qualquer inovação.
Fazem os seus grelhados sentadas como dantes;
trazem fardos à cabeça como dantes;
celebram as Tesmofórias como dantes;
cozem bolos como dantes;
enganam os maridos como dantes;
metem amantes em casa como dantes;
moldam pratinhos como dantes;
gostam de uma boa pinga como dantes;
pelam-se por fazer amor como dantes.
A elas, meus senhores, confiemos-lhes a cidade,
sem mais discussão, sem sequer tentarmos saber
o que elas vão fazer. Deixemo-las governar à vontade.*

(Ecc. 214-232)

Numa época em que se avançavam os primeiros passos para a emancipação da mulher, é difícil pensar como séria esta proposta de Aristófanes. Para o público que a ouvia, não passaria de uma boa piada a ideia de colocar os destinos de Atenas nas mãos das recatadas e ignorantes donas de casa. Haveria no poeta mais alguma intenção para além de divertir? Ao seu papel de conselheiro fizemos já alusão. Talvez que a solução feminista fosse uma forma discreta, concordante na sua comicidade com os moldes habituais na Comédia Antiga, de salientar a falta de bom senso do homem, sem deixar de apelar ao mesmo tempo para os seus sentimentos patrióticos, de modo que tente corrigir enquanto é tempo ainda, os erros que cometeu. Cego, o ateniense falhou, incapaz de encontrar a solução mais simples, aquela mediante a qual até a fragilidade feminina será capaz de vencer. E porque não pensar também que o poeta não quis perder uma boa ocasião de satirizar os movimentos feministas que então despontavam? Aristófanes é um homem do seu tempo, o observador discreto do mundo que o cerca, o crítico sempre atento. A problemática associada à condição da mulher não lhe passou despercebida. A uma ainda tímida chamada de atenção para a sensibilidade e psicologia femininas, como merecedoras de uma valorização social, que os mais inovadores, como Eurípides, arriscavam, responde o poeta com a situação grotesca aos olhos da maioria de um reconhecimento pleno de capacidade política à mulher, com a consequente subordinação completa do homem à sua vontade. Para fazermos ideia da reacção que Aristófanes estava certo de colher em quem o ouvia, consideremos estas palavras do coro masculino de *Lisístrata*:

*Ena pá! Realmente quanta coisa inesperada não acontece
numa vida longa!*

*Quem podia imaginar, ó Estrimodoro, que ainda havia de ouvir
mais esta!*

*Que essas mulheres, que nós sustentamos,
um flagelo — quem o não sabe?! — nas nossas casas,
havam de se apoderar da estátua sagrada,
e de tomar conta da minha Acrópole,
e que com ferrolhos e trancas
havam de fechar os Propileus?!*

(Lys. 256-265)

O repúdio que o homem grego sentia perante a hipótese da inclusão da mulher na vida do estado tem merecido atenta reflexão por parte de numerosos pensadores modernos. É oportuno recordar aqui, como sugestiva, a teoria de P. SLATER (1): segundo este autor, uma organização social do tipo daquela que vigorava entre os Helenos, que sobreleva o papel masculino, e segrega a mulher, recusando-lhe a possibilidade de se promover socialmente, encontra a sua justificação no receio masculino de se ver ultrapassado pelo sexo oposto. Seria esse um temor resultante da indiscutível autoridade feminina no plano familiar, que deixa na criança a noção subconsciente de que os primeiros anos da sua vida foram inteiramente regidos pelo poder materno. Da sua infância, uma vez atingida a emancipação da idade adulta, o homem guardaria a lembrança da autoridade doméstica da mulher como uma ameaça que, a estender-se para fora dos limites da sua casa, o reduziria à dependência de uma criança. Curiosamente a comédia pode fornecer a esta teoria algum apoio, senão ouçamos:

*É que se nós cedemos a essas fulanas e lhes damos freio,
 não há nada a que elas não se abalancem, tenazes como são.*

*Se se viram para a equitação, então eu passo um traço nos
 cavaleiros.*
*Em equitação não há coisa melhor nem mais segura do que
 uma mulher,*
sem uma escorregadela mesmo em corrida. Vê só as Amazonas,
que Mícon pintou a cavalo, em luta com os homens.
O que temos a fazer é agarrar nelas, em todas sem excepção,
e enfiar-lhes o gasganete no pelourinho.

(Lys. 671-681)

Na comédia, à problemática feminista, aparece quase indissoluvelmente ligado o nome de Eurípides, que 'põe as mulheres nas suas tragédias e diz mal delas' (Th. 85). É certo que o trágico apresenta nas suas peças situações e afirmações que se integram dentro de uma visão tradicionalista do problema feminino. As mulheres como inimigas perigosas, sobretudo se inteligentes (Med. 319-320), voltadas para

(1) P. SLATER, 'Il rapporto madre-figlio in Grecia: sue origine e conseguenze'; in *La tragedia greca, guida storica e critica*, a cura di C. BEYE, Bari, 1976, pp. 157-166.

a satisfação dos prazeres físicos (*Med.* 569-573), capazes de adultério (*Hipp.* 409-410), enfim, fonte constante de desentendimentos (*Or.* 605) são lugares comuns a que Eurípides não se exime. No fundo, porém, este quadro banal é o cenário mais adequado para fazer ressaltar as grandes heroínas do seu palco, as esposas dedicadas capazes de assegurarem a paz e a felicidade conjugais (*Hel.*, *Alc.*), a mãe ressentida pelo adultério do marido que ama e que busca a vingança através dos próprios filhos (*Med.*). Estas são mulheres capazes de auto-afirmar-se, de revelar a sua força de carácter, o que não é conciliável com uma perspectiva misógina da parte de quem as cria. Ainda quando a luta pelos seus direitos as conduz ao crime, é sempre a sua capacidade de se imporem como valores humanos irrefutáveis que sobressai do perfil das heroínas euripidianas. Para elas vai toda a atenção e compreensão do poeta. Pois apesar desta realidade indiscutível, Aristófanes apresenta-nos Eurípides como o maior inimigo do sexo fraco, como o responsável por todas as invectivas com que uma tradição já remota vinha brindando a mulher (cf., *e.g.*, *Th.* 390 sqq.). Contra ele as celebrantes das Tesmofórias planeiam mortal vingança, queixosas das consequências que as peças do trágico trouxeram para as suas regalias anteriores (cf. *Th.* 395 sqq.) como senhoras do lar (cf. *Ra.* 971 sqq.), lançando a desconfiança e inimizade nas famílias, e para a sua reputação perante os maridos e a sociedade. Notável é também a censura que lhe é dirigida, por permitir que as mulheres tenham liberdade de expressão nas suas tragédias (*Ra.* 949 sqq.); tal reconhecimento da mulher como um ser pensante e inteligente, segundo a óptica de Ésquilo, que na contenda personifica o espírito conservador do passado, só tem contribuído para a dissolução de costumes, um dos aspectos mais focados como característico na sociedade contemporânea de Aristófanes. Esta acusação contra Eurípides vem confirmar que o direito de se exprimir com a mesma liberdade do homem tinha, desde sempre, sido negado à mulher.

Abstraindo da caricatura que o comediógrafo faz na enumeração dos vícios femininos, fica-nos o problema de justificar esta inimizade, que autoriza Aristófanes a encarnar em Eurípides — apesar da simpatia e atenção que as mulheres lhe merecem — o seu mais temível adversário. Vem a propósito lembrar a contingência em que se vê o leitor moderno de tirar conclusões sobre uma pequena parcela de toda a produção euripidiana. No enigma que se lhe depara faltam peças tão importantes como uma *Estenebeia*, por exemplo, cujo retrato é só por

si, segundo a óptica de Aristófanes, sintomático da misoginia de Eurípides. Parece difícil entender que houvesse da parte do poeta cómico uma incompreensão total da obra de Eurípides, e o fito consciente de o acusar de imoralidade, como afirma POHLENZ (1): 'Todavia só com uma malévola distorção dos factos o seu mais encarniçado adversário, Aristófanes, pôde atribuir-lhe uma tendência para a perversão e propósitos declaradamente imorais. Por outro lado, quem fez deste poeta um misógino, mostra ter dele uma compreensão grosseira'. Não creio que a penetração e finura de espírito de que Aristófanes nos dá sobejas provas tenham falhado na interpretação da posição de Eurípides relativamente à mulher. Nem tão pouco me parece que fossem inteiramente gratuitas e pessoais, alheias portanto à opinião pública, as acusações que faz contra o trágico. É, pelo contrário, na dimensão real que fica subjacente à caricatura, que reside o fulcro de compreensão que o liga ao público e lhe garantiu as vitórias com que se viu tantas vezes premiado.

No decurso deste estudo, tivemos já ocasião de referir a tendência conservadora como uma das facetas mais salientes da mentalidade feminina. Protegida da vida exterior, herdeira de uma actividade rotineira, monótona, a mulher vive fechada às inovações que se sucedem no mundo que a cerca, ao fluir do quotidiano, agarrando-se mais e mais às práticas e concepções do passado. Não é por isso estranho que a reflexão recente sobre os seus direitos encontre nas próprias interessadas a maior renitência. No teatro aristofânico elas são de facto as principais queixosas. Como entenderia a grande massa das atenienses, enquadradas numa sociedade onde o homem gozava de grande liberdade sexual, a atitude de uma Medeia, que mata os filhos para se vingar do abandono a que a votara o marido? Decerto como um crime horrendo, sem justificação possível, que publicamente lança o opróbrio sobre a mulher digna e sensata. Quando as mulheres se lamentam da desconfiança com que agora são olhadas pelos homens, não estará por trás deste queixume a suspeita com que a própria mulher se vê chamada do seu canto discreto para as atenções públicas, o que, dentro de uma perspectiva conservadora, era para uma mulher honesta motivo de desonra? Do receio de ser prejudicada e não defendida pelos percursores da sua emancipação nos dá conta o desabafo da mulher que se diz limitada na sua autoridade doméstica, afirmação que dificilmente

(1) M. POHLENZ, *L'uomo greco*, Firenze, 1967, p. 728.

pode corresponder à realidade, se considerarmos que a ausência dos homens no combate e até o decréscimo da população masculina só poderiam justificar o contrário. De resto, as novidades do teatro eurípidiano foram acolhidas com uma certa renitência, o que fica patente no número escasso de vezes em que lhe foi reconhecido o lugar de vitorioso nos concursos. Da controvérsia criada à volta de Eurípides extrai Aristófanes, com frequência, motivos de cómico. Inspirado pelas suas heroínas, cria as personagens notáveis de Lisístrata e Praxágora sobre quem EHRENBERG (1) conclui: 'Os retratos de Lisístrata e Praxágora ganham o seu brilho pleno pelo completo contraste com o plano de fundo do quotidiano da mulher', afirmação que poderia igualmente adequar-se às grandes heroínas de Eurípides.

Por fim, poderíamos interrogar-nos sobre qual seria, por trás da caricatura da polémica feminista da época, a posição pessoal de Aristófanes. Poderemos concluir, da criação de figuras como Lisístrata e Praxágora, que o poeta se torna num defensor das virtudes femininas? Ou, pelo contrário, seremos levados a ver nessas personagens exemplos cómicos de utopia a que Aristófanes tanto se compraz em deitar mão? A impressão geral que nos resta das comédias em que a mulher é trazida a primeiro plano não é especialmente lisonjeira para ela. Da superlativação, ainda que paródica, dos seus vícios e baixos instintos, parece ficar latente o sentimento de que a mulher, centro de atenções e campo de disputas, é mais um exemplo denunciador da depravação dos tempos. E, em resumo, reflecte Aristófanes, qual é o resultado prático destas tendências inovadoras, da defesa da mulher como ser pensante e socialmente válido, tal como o defendia Eurípides com as suas Fedras, Estenebeias e Melanipas?

É que, hoje em dia, Penélope não se pode apontar uma única entre as mulheres, mas Fedras são todas elas sem excepção.

(Th. 549-550)

E é, sem dúvida, para essas Penélopes, as fiéis guardiãs do lar e da família, as recatadas e virtuosas esposas, que vão as simpatias do poeta.

MARIA DE FÁTIMA DE SOUSA E SILVA

(1) V. EHRENBERG, *The people of Aristophanes*, Oxford, 1951, p. 202.